

# Cultura operária e práticas sindicais na grande Buenos Aires (1950-1970)<sup>1</sup>

Alejandro Schneider<sup>2</sup>

## Introdução

Entre as décadas de 1950 e 1970 o movimento operário argentino desempenhou um papel proeminente no interior da sociedade. Isto se expressou, por exemplo, em uma presença ascendente nos diversos âmbitos de discussão e decisão na esfera pública. Como apontam os estudos sobre o período, a classe trabalhadora teve um peso determinante nos debates econômicos e políticos daqueles anos, sobretudo por sua aberta oposição aos diferentes governos.

Voltado a esse contexto de profunda riqueza, o presente artigo busca reconstruir algumas práticas culturais da classe trabalhadora no âmbito da região metropolitana de Buenos Aires. Naquele espaço, ao longo das décadas de 1950 a 1970, produziu-se um importante crescimento do setor manufatureiro; nele convergiram diferentes empreendimentos produtivos, juntamente com um notável aumento da urbanização, e uma massiva proletarização da força de trabalho ao redor de grandes estabelecimentos fabris. Embora seja difícil estabelecer o único perfil socioeconômico, é possível observar certas tendências homogêneas no que se refere a condições de vida e à sociabilidade dos trabalhadores da zona. Nesse sentido, tratamos de explorar o modo como estes foram conformando sua identidade e sua consciência sobre a base de sua experiência e de suas lutas sociais e políticas com outras classes da sociedade.

Em particular para os que nos dedicamos a estudos sobre os trabalhadores, gostaríamos de sublinhar que as práticas sindicais adquirem uma melhor compreensão se as examinamos como parte integrante e essencial da cultura dos próprios operários. Desta maneira, é válido destacar que as atividades gremiais não podem ser entendidas como uma simples somatória de enfrentamentos e que devem ser analisadas a partir de diferentes perspectivas.

O estudo sobre o comportamento cultural e gremial da classe trabalhadora, portanto, não deve ser compreendido como o mero resultado de uma conduta economicista. Longe dessa mirada obtusa, entende-se que a atividade dos trabalhadores não se encontra orientada somente por fatores econômicos, mas que nela intervêm ideias e valores desenvolvidos a partir da experiência desenvolvida enquanto sujeitos coletivos. Nesse sentido, deixamos de lado a tradicional perspectiva historiográfica que sustenta que o movimento operário atuou motivado por seus sentimentos peronistas. A evidência analisada expõe outras conclusões: os trabalhadores intervieram por interesses e reivindicações concretas; se enfrentaram ao capital, em numerosas ocasiões, por contendas suscitadas no âmbito fabril ou por

---

<sup>1</sup> Traduzido do espanhol por Lucas Duarte

<sup>2</sup> Doutor em História, Universidad de Buenos Aires/ Universidad Nacional de la Plata; Diretor do projeto de pesquisa “Conflictos, inestabilidad y democracia en la Historia Social Política de América Latina, 1954-2012 (UBA) e “Mudanças e continuidades no sindicalismo argentino e latino-americano desde os anos 60 até a atualidade (UNLP).

decisões empresariais. Como consequência, numerosas medidas de força<sup>3</sup> foram dirigidas à impugnação de medidas econômicas e políticas, desestabilizando decisões governamentais e despertando um relativo temor em certos setores da classe dominante. No desenvolvimento do processo de lutas e de enfrentamento ao poder, se foram gestando indícios de uma clara consciência operária e anticapitalista. Nesse sentido, cobra relevância a reflexão de Friedrich Engels para quem “a luta da classe oprimida contra a classe dominante assume forçosamente o caráter de uma luta política, de uma luta dirigida, em primeiro termo, contra a dominação política dessa classe”<sup>4</sup>.

O presente texto reflete sobre algumas particularidades que exibiu a classe trabalhadora durante essas décadas. Apesar de seus comportamentos culturais terem-se ido conformando dentro dos âmbitos laborais, tenderam, além disso, a reproduzir-se e ampliar-se em outros espaços territoriais, em particular nos lugares de residência. Nesses interstícios, os trabalhadores intercambiaram tradições, experiências e memórias; saberes que, por sua vez, foram transmitidos de forma geracional a seus descendentes. Para uma melhor aproximação a esse mundo laboral a partir do estudo de alguns de suas características sociais e culturais, destaca-se a importância de apreender sua riqueza e complexidade através do emprego de ferramentas metodológicas como a História Oral.

O uso de entrevistas a diferentes trabalhadores requer que o leitor tenha em conta um conjunto de observações. Tencionamos que esta técnica possibilite a aproximação a toda uma série de questões subjetivas impossíveis de acessar por outros meios. O uso da História Oral constitui-se em um mecanismo imprescindível quando se procura reconstruir um cruzamento de diferentes variáveis que intervêm nos variados processos sociais e onde o que importa, ao menos em nosso caso, são os sujeitos de carne e osso que convivem e trabalham diariamente. Captar os distintos aspectos que conformam a cotidianidade dos entrevistados nos aproxima e nos esclarece traços que são parte da condição operária.

As trajetórias de vida dos depoentes nos remetem ao questionamento não somente sobre o sujeito indagado, mas também à reflexão sobre temas e problemas referentes aos sindicatos, ao contexto político, ao espaço urbano e à sociedade em seu conjunto. Esta prática serve tanto para instalar as vozes desses sujeitos na esfera pública quanto para conhecer suas reflexões, experiências, valores e cultura; desde já, denota a superação da transcrição dos relatos no sentido de estabelecer uma reflexão sobre seus significados<sup>5</sup>. Além disso, o relato testemunhal conduz a um permanente enriquecimento da pesquisa já que nos convida à consideração de novas hipóteses e interrogações.

---

<sup>3</sup> N.T. Optamos pela tradução literal da expressão “medida de fuerza” que, em espanhol, dá conta de uma série de mecanismos contestatários levados a cabo pelos trabalhadores e suas organizações, onde estão incluídas, por exemplo, greves, piquetes, ocupações de fábrica, etc.

<sup>4</sup> ENGELS, Friedrich. “Ludvig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana”; In: MARX, Carlos. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, 1970, p.649.

<sup>5</sup> ACEVES, Jorge. *Historia oral e historias de vida*. Teoría, método y técnicas. Una bibliografía comentada. México, Ciesas, 1996; BERTAUX, Daniel. “Los relatos de vida en el análisis social”, *Historia y Fuente Oral*, N°1, 1989.

É correto pressupor que o indivíduo entrevistado não fala por si só, que seu relato se inscreve em um processo social no tempo. Desse modo, é válido recordar que os testemunhos expressam um processo previamente construído e alimentado de forma individual e social. O diálogo entre o entrevistado e seu interlocutor se estrutura através de uma relação marcada pela experiência de vida de ambos sujeitos: a entrevista é produto de uma relação dialética entre dois seres com diferentes objetivos e subjetividades.

O emprego dos testemunhos não é somente uma tarefa de recuperação das experiências, tradições, valores e culturas da classe trabalhadora, é também um resgate daquilo que os próprios entrevistados fazem de sua prática social e sindical. Se examina um processo de reconstrução ideológica do passado condicionado pela percepção e pela reflexão que esses sujeitos expressam no presente, onde intervêm sua história pessoal e social enquanto indivíduo membro de uma classe determinada. É, em última instância, uma reelaboração modificada do passado que se transmite para conformar uma cosmovisão interessada.

### **O âmbito laboral, cimento da cultura operária**

Os sindicatos na Argentina constituíram um fator de poder indiscutível. Sua força social residiu não somente em sua extensão numérica, ou na capacidade de integrar à sua esfera de ação uma parcela significativa da população, mas também no impacto que tiveram suas demandas políticas e econômicas no conjunto da sociedade. Suas funções extrapolaram a simples intervenção reivindicativa: sua presença se manifestou na vida cotidiana dos trabalhadores, nos protestos dentro dos lugares de emprego e em suas atividades assistenciais, sobretudo no âmbito da saúde e do lazer.

O trabalho nas unidades de produção, com a exploração cotidiana do capital expressada nos enfrentamentos diários com supervisores, gerentes e empresários, juntamente com uma maciça atividade sindical, incidiram na conformação de uma experiência e de uma consciência operária. Nesse cenário, desenvolveu-se uma alargada percepção da alienação a que estavam submetidos por sua condição social e certa clareza a respeito da expropriação às suas condições de existência imposta pelo capital. Havia um claro sentimento de pertencimento à classe que era explorada nas fábricas e cujas condições de vida eram produto direto de todo esse entorno. Nesse sentido, como observou John Kelly<sup>6</sup>, a consciência de classe deve ser essencialmente entendida tanto em função da relação estabelecida entre um indivíduo e sua classe como a relação percebida entre sua própria classe e as outras.

Sobre este movimento dinâmico, Karl Marx antecipou:

As condições econômicas transformaram primeiro a massa da população do país em trabalhadores, a dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, pois, esta massa já é uma classe com respeito ao capital, mas ainda não é uma classe para si. Na luta (...) esta massa se une, se constitui como classe para si. Os interesses que

---

<sup>6</sup> KELLY, John. *Trade Unions and Socialist Politics*. London: Verso, 1988.

defende se convertem em interesses de classe. Mas a luta de classe contra classe é uma luta política.<sup>7</sup>

Este processo se complementa com a internalização da experiência adquirida no transcurso de um conflito. Seu resultado não deve ser medido em termos quantitativos de “triunfos” ou “derrotas”. Cabe observar que o sentimento de alienação não implicou – na maioria das ocasiões – uma correspondência imediata com a ideia de destruir o capitalismo. A existência do proletariado é condição de qualquer forma de consciência operária revolucionária, mas aquela não é capaz de gera-la automaticamente. Nesse sentido, é interessante a apreciação de John Rule:

Também é possível aceitar o desenvolvimento de uma consciência de classe operária como autoconsciência de uma identidade de classe separada e uns interesses, sem aceitar que a consciência fosse revolucionária e com o objetivo de derrocar o capitalismo, mas sim uma adaptação não conflitiva dentro do sistema<sup>8</sup>.

Em numerosas circunstâncias, os trabalhadores foram conscientes das relações de forças e do ânimo em que se encontravam junto a seus companheiros para iniciar, desenvolver ou levar a cabo uma ação de protesto. Em cada enfrentamento, qualquer que haja sido, os trabalhadores mostraram um determinado nível de consciência de sua disposição enquanto classe para poder leva-lo adiante.

Nesses marcos, um dos primeiros aspectos evidenciados na cultura operária foi a ampla solidariedade expressa nas fábricas ou nos bairros, tanto em contextos de lutas quanto diante de problemas naturais e crises cotidianas. Daí a existência de numerosos protestos originados em apoio a algum trabalhador suspenso, demitido ou sancionado. Um operário entrevistado recordava que “se metiam em cana a um, o grêmio parava”. As medidas de força por solidariedade gremial vigoraram em toda essa etapa, mesmo em períodos críticos, pela situação econômica e política, como no ano de 1962. As paralisações não somente se produziram no interior dos estabelecimentos, também foram zonais ou do conjunto de um sindicato. Deste modo, tanto as manifestações que apresentaram grande impacto nacional – como as dos metalúrgicos (1959), ferroviários (1961), trabalhadores da indústria da carne (1962), portuários (1966) – como as suscitadas no plano local – Autoar, 1956; portuários de San Fernando e Tigre, em 1960; Sima, 1964 – obtiveram um massivo apoio da população.

Em geral, esse tipo de enfrentamento apresentou elevados graus de aceitação e cumprimento, quer fossem originados no lugar de trabalho, ou impulsados pela agremiação. Isto implicava um alto nível de confiança nos sindicatos; havia um respeito pela organização, para além do fato de o trabalhador estar afiliado ou não. Por debaixo dessas práticas, subjazia uma forte identidade operária que se achava latente todo o tempo e que tomava forma nos momentos de conflito. Por outro lado,

---

<sup>7</sup> MARX, Karl. *Miseria de la filosofía: respuesta a la miseria de la filosofía de P. Proudhon*. México: Siglo XXI, 1987, p.120.

<sup>8</sup> RULE, John. *Clase obrera e industrialización. Historia social de la revolución industrial británica, 1750-1850*. Barcelona: Crítica, 1990, p.555.

isto não nega a presença de mobilizações levadas a cabo à margem dos próprios dirigentes laborais.

De fato, as distintas medidas de força levadas a cabo, desde os “trabalhos a regulamento”<sup>9</sup>, passando pelas greves, até as ocupações fabris, indicaram características singulares da condição operária. Em maior ou menor medida, a posta em prática de tais ações implicava a prévia existência de uma organização, de uma associação estabelecida que servisse à luta. Uma de suas expressões mais nítidas foram as ocupações de estabelecimentos com reféns e, em algumas circunstâncias, a manutenção de seu funcionamento. Sobre esse fato em particular, Anton Pannekoek observou que

A ocupação de uma fábrica não equivale à sua expropriação. É somente uma suspensão momentânea da disposição da propriedade por parte do capitalista. (...) No entanto, a ocupação é algo mais. Nela, como um relâmpago que brilha no horizonte, surge a faísca do desenvolvimento futuro. Através da ocupação das fábricas os trabalhadores demonstram involuntariamente que sua luta ingressou em uma nova fase. Quando tomam essa atitude aparece clara sua firme e recíproca união como organização de fábricas, em uma unidade natural que não se dissolve em indivíduos isolados. Os trabalhadores tomam consciência de sua íntima vinculação com a fábrica. Para eles não é o edifício de um outro onde só vão trabalhar sob suas ordens e para ele até serem demitidos. Para eles, a fábrica, com suas máquinas, é um aparato produtivo que eles conduzem, um órgão que só forma parte vivente da sociedade graças a seu trabalho. Não é nada que lhes seja estranho; se sentem como em sua casa, muito mais que os proprietários jurídicos, que os acionistas, que nem sequer sabem onde fica a fábrica. (...) Com a ocupação das fábricas surge um vago sentimento de que os operários deveriam ser donos totais da produção, que deveriam expulsar os indignos estranhos, os capitalistas que dão as ordens.<sup>10</sup>

O emprego desta metodologia colocava a necessidade de uma férrea disciplina para dispor e uma clara coordenação de tarefas para implementar. Não se tratava somente de ocupar uma planta, havia que planejar a vida interna dos grevistas, os esquirolas, os supervisores e os gerentes enquanto se preparava um eventual desalojo policial. As ocupações com reféns e seu possível funcionamento sem ingerência empresarial representaram um claro questionamento ao sistema político e econômico imperante. Segundo León Trotsky:

*As greves com ocupação de fábrica, uma das manifestações mais recentes desta iniciativa, reposicionam os limites dos procedimentos capitalistas “normais”. Independentemente das reivindicações dos grevistas, a ocupação temporária das empresas disferiu um duro golpe ao fetiche da propriedade capitalista. Toda greve com ocupação coloca, na prática, o*

---

<sup>9</sup> N.T. É como são chamadas as formas de protesto em que trabalhadores tratam de seguir estritamente as normativas referentes à função que desempenham, negando-se a realizar qualquer tarefa que exceda, ainda que minimamente, tais disposições regulamentares.

<sup>10</sup> PANNEKOEK, Anton. *Los consejos obreros*. Buenos Aires: Proyección, 1976, p.142

problema de saber quem é o dono da fábrica: se o capitalista ou os operários<sup>11</sup>.

Em particular, no primeiro lustro da década de 1960, as ocupações de fábrica terminaram convertendo-se em um fato tomado com naturalidade; sua posta em prática foi internalizada como uma ferramenta mais das que dispunham os trabalhadores a seu favor. Suas práticas sociais e culturais, tanto nos lugares de produção quanto nos bairros que habitavam, influenciaram em todo o processo. A experiência forjada cotidianamente nos estabelecimentos fabris se fez presente na hora de organizar ou acompanhar uma medida de força.

Em síntese, esta coordenação não surgiu do nada, muito pelo contrário, foi o resultado da experiência e dos saldos deixados por cada conflito na memória da classe operária. Por outro lado, essas pugnas refletiram a participação coletiva no processo de trabalho. Assim, a presença da classe na produção cobrou forma nos constantes limites que se impunham quando supervisores e gerentes tentavam incrementar os ritmos de trabalho ou era modificada a organização do sistema laboral. Não obstante, nas medidas de força os operários demonstraram um efetivo controle de certas áreas ou seções das fábricas, pondo-as em funcionamento inclusive sem a presença gerencial ou dos patrões. Corresponde sublinhar – como correlato dessa consciência e identidade com sua condição operária – que na maior parte dos conflitos registrados não houve destruição de máquinas ou ferramentas de trabalho. Pelo contrário, tanto as fontes escritas como os testemunhos consultados aludiram à permanente preocupação em preservá-las. A esse respeito um trabalhador refletia: “você pode ter problemas com a empresa, mas as ferramentas são as fontes de trabalho, se você não cuidar, quem vai cuidar por você?”<sup>12</sup>

Em um sentido amplo, esta consciência, segundo a conjuntura histórico-política, se expressou através de diversos meios e canais. Em todo caso, evidenciou uma possível incidência no controle produtivo junto com uma valorização dos instrumentos de trabalho. Questões tais como a necessidade de organização, a solidariedade, o orgulho de um profissão, a luta pela igualdade nas remunerações e nas condições de trabalho juntamente com a aceitação de que os trabalhadores expressaram o desenvolvimento e a constituição de uma classe distinta, com diferentes interesses, foram alguns dos rasgos culturais que contribuíram à constituição de sua identidade como sujeito social. Estas percepções foram próprias da classe operária, independentemente das ideologias políticas que professasse.

De fato, a incorporação de um trabalhador a um sindicato era uma tradição e um costume que se transmitia de geração em geração. A atividade gremial não somente funcionava como ferramenta para a defesa dos direitos e das conquistas, como também permitia conformar uma solidariedade e uma consciência a partir de interesses comuns, elementos que tendiam a homogeneizar e coletivizar uma identidade operária compartilhada. Desse modo, a participação dos trabalhadores nas associações profissionais permitiu – em diversas situações – superar o marco

<sup>11</sup> TROTSKY, León, *Sobre los sindicatos*. Buenos Aires: Pluma, 1975, p. 39 Grifos no original

<sup>12</sup> Entrevista realizada a Lalo por Alejandro Schneider em San Isidro el 10 de noviembre de 1998. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

reivindicativo para propor alternativas e projetos de poder. Apesar de os sindicatos, como refletiu Trotsky, “*por seus objetivos, sua composição e o caráter de seu recrutamento*” não possuírem “*um programa revolucionário acabado*”,<sup>13</sup> isto não invalida que os mesmos –em um processo repleto de contradições internas – sirvam para que os operários cheguem à “compreensão subjetiva da tarefa histórica que lhe coloca sua situação objetiva”.

Isto também se expressou no fato de que os trabalhadores possuíam uma profunda consciência da necessidade de pertencer a um sindicato e, por sua vez, de tomar parte nos diferentes órgãos de base (comissões internas, corpos de delegados) para fazer com que suas reivindicações fossem escutadas e atendidas. Como explicou um operário do grêmio da carne entrevistado:

Os delegados eram muito gente boa, muito gente boa, falando desde fim dos anos cinquenta, mais ou menos, até a época de... até setenta, havia delegados muito bons. Delegados que enfrentavam realmente o patrão e o que se fazia ver, se fazia valer, não deixavam o operário sozinho, que lhe sacaneiem... mas tudo o que é bom dura pouco<sup>14</sup>

A exploração capitalista nas fábricas e nos lugares de trabalho, produto das relações de produção, foi a base primordial que permitiu consolidar a identificação e o pertencimento a um sindicato. Os trabalhadores foram adotando a organização gremial como uma ferramenta básica e indispensável em sua vida; quer fosse para a defesa de seus interesses materiais, quer como instrumento que lhes serviria para melhorar o desempenho. A esse respeito, um operário ferroviário lembrou:

Assim que eu entrei na ferrovia, me incorporei ao sindicato d’A Fraternidade, me comprometi a ser sócio d’A Fraternidade para que depois me aceitassem ir pra escola (do sindicato) (...) Foi o grêmio mais democrático do país, por seus próprios estatutos e porque, além disso, todas as segundas se faziam assembleias (...) nas assembleias *se discutiam todos os problemas* (com ênfase) (...) todos os afiliados pediam a palavra e tinham direito a votar, a ser escolhidos e a participar das assembleias.<sup>15</sup>

Esta concepção das entidades gremiais se conformou de modo independente das práticas pouco democráticas de seus dirigentes burocratas nacionais. Apesar de sua existência, os trabalhadores, em numerosas conjunturas, se valeram de diversos mecanismos institucionais e legais para tratar de deslocá-los. O sindicato era considerado como um espaço próprio que se defendia e um âmbito onde se participava através de diferentes instâncias, à margem de seus ocasionais representantes. Assim, para além da conduta individual desses homens, se apoiou seu pertencimento àquele âmbito através de um alto nível de acatamento e disciplina às ordens emanadas dos corpos orgânicos. Esta centralização se deu tanto naquelas

---

<sup>13</sup> TROSTKY, op. cit., p. 10.

<sup>14</sup> Entrevista realizada a Carlos por Alejandro Schneider en Tigre el 12 de octubre de 1992. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

<sup>15</sup> Entrevista realizada a Luis por Alejandro Schneider en Buenos Aires el 21 de julio de 2000. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

instituições que adotaram a forma de uma federação como nas que assumiram estrutura de união.

Ainda que este centralismo fosse eficaz para a realização de ações conjuntas, muitas vezes a rígida disciplina derivou em condutas verticalistas. Por outro lado, vale esclarecer que nem sempre os sindicatos atuaram canalizando as demandas; houve momentos em que a força das demandas laborais desde os órgãos de base foi superior às ordens emitidas por seus dirigentes.

Em cada uma das entrevistas é possível observar como o presente intervém no conteúdo da memória. Existe uma permanente comparação entre aqueles anos e a atualidade. Nas palavras e reflexões dos entrevistados se transmitem as visões, mais ou menos elaboradas, sobre o que representava a atividade sindical do período. O processo de recordação se encontra associado e influenciado pelas situações e valores do presente, o momento em que se efetua a entrevista e o diálogo conversacional com o interlocutor. A lembrança que brota da reportagem é uma reelaboração da memória e é uma resposta (consciente ou não) à conjuntura histórica e ao entrevistador. No caso da Argentina, as reflexões e as perspectivas estão mediadas pelo passo de diversas ditaduras e por mais de vinte e cinco anos de democracia. No transcurso dessas décadas, o olhar e a consideração sobre o emprego da violência passou por grandes transformações. Assim o expressou um ex-trabalhador ferroviário:

Ainda quando veio a Revolução Libertadora<sup>16</sup>, um tal Somer, não sei se você conheceu ele, que tinha feito intervenção na União Ferroviária. Era um filho da puta. Íamos pras reuniões, os peronistas, os *contreras*<sup>17</sup>, estavam todos, tirou um revólver uma vez. Deu dois tiros pro alto de cima do palanque, porque havia um palanque. E um peronista disse a ele: ‘E ai, gordo de merda?! Quer o quê, que eu te mate?!’. Todas essas bobagens. A esse cara, que Deus me perdoe, nós colocamos uma bomba na porta da casa. Pipocamos a porta e as janelas. Se você me disser hoje em dia, a gente pensaria um pouco mais, de repente havia crianças, havia família (...) E a máquina ficava parada. A gente ia e cortava isso, cortava aquilo. Quebrávamos um vidro aqui, quebrávamos outro ali. Os injetores, a gente desparafusava e deixava com a alavanca solta. Qualquer coisa. Não sei se está certo ou errado. Claro, se eu tenho que olhar, é sabotagem. Fazíamos por resistência. Provocando um pipoco pra poder provocar nos caras algum aborrecimento ou algum desastre. E as máquinas não saíam. Saía uma, e dez ficavam paradas. Os trens precisavam ir a *Constitución*, ou sair pra *Remedios de Escalada*, o que ia pra *Temperley*, e não saíam e a gente ficava parada<sup>18</sup>.

É evidente que o protagonista relata, de forma consciente, o que significa sua experiência no presente. É inevitável que se faça o contraste com a visão que se têm

<sup>16</sup> N.T. Golpe militar responsável pela derrubada do governo de Juan Domingo Perón em 1955

<sup>17</sup> N.T. Expressão utilizada para designar indivíduos habitualmente contrários às decisões, opiniões ou normativas de um determinado grupo. Parecido ao “do contra” no Brasil. No ambiente sindical possui um conteúdo depreciativo associado aos sujeitos que costumam se opor, ser contrários, às greves, paralisações, etc.

<sup>18</sup> Entrevista realizada a Juan por Alejandro Schneider en Lanús el 10 de julio de 2009. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

no momento da realização da entrevista. A transformação do espaço público e as mudanças na sociedade civil intervêm na lembrança e nas reflexões.

### **Bairro, família e cultura operária**

O comportamento desenvolvido pela classe operária durante essas décadas é passível de melhor compreensão se analisado desde uma perspectiva mais vasta. A atuação dos trabalhadores se nutriu não somente das relações de produção a que estão submetidos, da exploração e de sua experiência laboral, mas também de diferentes aspectos da vida cotidiana que transcenderam a estrutura produtiva. Os bairros e os vizinhos, o entramado urbano que rodeava as fábricas, foram essenciais tanto na conformação de uma cultura, de uma identidade, como de uma consciência operária.

As relações de poder também se disputavam na vida diária. No bairro, nas casas de família e nos clubes, iam-se gestando a organização e se levavam a cabo as atividades discutidas originalmente em fábricas e oficinas. Esta é uma vivência coletiva atravessada pela defesa de sua cultura de classe e de sua memória social. Deste modo, houve uma notável aceitação dentro da população de certas práticas realizadas pelo ativismo. Existiu uma busca por defender os espaços do quefazer cotidiano, o que implicou uma conservação dos âmbitos que se consideravam próprios. Juan recordava que:

... você sabia quem era o *contrera* do bairro, ou seja, o que estava contra. Já estava marcado. Sabia que era aquele, e pronto, já é *contrera*. E bem, você diz “este é, creio que não é”. Este é *contrera*. E você encontrava vinte *contreras*. Era a palavra que eu usava: “*contrera*”. Nem sequer ‘gorila’, depois começou a vir o adjetivo ‘gorila’. “Cara, aquele é *contrera*”. E nós, como bons peronistas, ou bons... íamos e colávamos um cartaz na parede. Eu me lembro que fiz um, estava Perón em uma foto, assim inclinado, rindo.<sup>19</sup>

Sobre a base dos testemunhos dessas ações é que se busca extrair algumas considerações sobre a forma que adquiriu a cultura operária nos diferentes âmbitos da vida cotidiana que estavam fora do espaço laboral:

- Como você começou a se relacionar mais organicamente?
- Primeiro, já tinha alguns amigos do bairro aí, conhecidos, a gente começou a se conhecer e começou a aproximar um guarda do bonde que era o que organizava todos os rapazes de lá, e aí começamos a fazer ações. Primeiro, eu fiz ações de queimar os bondes, por exemplo, primeiro lá com os rapazes do bairro sem ter organização “vamos parar o bonde, e vamos parar o bonde”, todo mundo se posicionava, levantavam os trilhos, desmontavam os trilhos para que não passasse o bonde e depois vinha um grupo pra consertar e tudo mais..., mas aí fomos queimar, aí comecei minha primeira experiência e aí me pus, como posso explicar, tive experiências que nunca me haviam acontecido, então era... um entusiasmo eu tinha, aí

---

<sup>19</sup> *Idem*. “*Contreras*” e “*gorilas*” são termos que fazem referência, neste caso, aos opositores ao governo de Juan D. Perón e seus seguidores.

víamos tudo o que você dissesse pra gente era... não era impossível, tinha que fazer, tinha que fazer.<sup>20</sup>

Os âmbitos de sociabilidade que a classe operária estabeleceu com suas famílias durante essas décadas foram de uma riqueza extraordinária. Estes se expressaram tanto em entidades formais como em associações não institucionalizadas. As primeiras tomaram forma de sindicatos (nacionais e locais), associações de moradores, clubes, sociedades de fomento, bibliotecas populares ou mutuais. As segundas se plasmaram na vivência nos bares próximos às fábricas, nas praças, nas esquinas e calçadas. Essas instituições ajudaram a desenvolver um sentido de pertencimento e de identificação com o bairro e com as próprias pautas culturais da classe trabalhadora. A solidariedade, a busca de associação em prol de objetivos comuns, a criação de mecanismos que conduzissem à colaboração mútua e até à própria necessidade humana de encontrar tempo para o esparecimento foram elementos que influenciaram na conformação de uma homogeneidade de classe.

Esses fatores contribuíram para gerar espaços de atividade específica com indícios simbólicos precisos que permitiram constituir uma base mínima de códigos comuns que ajudaram a estabelecer uma cultura muito peculiar, alimentada por costumes e comportamentos consensuais. Tampouco estiveram ausentes as normas consuetudinárias elaboradas em oposição e em distinção de outras classes sociais. A tendência a associar-se em diferentes entidades barriais ou laborais demonstrou o grau de maturidade alcançado por essa classe operária agudamente urbana. Isto se combinou com a prática laboral nas fábricas e com a aproximação das consciências que gerou apesar das diversas origens migratórias.

Por outro lado, estas experiências externas que se elaboraram à margem do processo produtivo terminavam por influir neste último. A coesão para a realização das medidas de força não somente se criava nos estabelecimentos fabris e nas oficinas, mas também se solidificava e se nutria da vida cotidiana nos bairros. A reflexão de Rule ajuda a compreender esse rico fenômeno: “Se um homem que hesita em participar ou não de uma greve sabe que deve viver apartado da vida entre seus companheiros, tem, de saída, sua escolha compelida pelo fato de pertencer a uma comunidade, onde ao menos parte dessa coibição depende da experiência compartilhada e da solidariedade de uma comunidade de operários”<sup>21</sup>.

Assim como o restante das características culturais, a solidariedade tendeu a forjar-se no lugar de trabalho e daí se estendeu em direção aos espaços residenciais. Nas duas esferas se viu reforçada e retroalimentada pela pressão grupal. A coesão para realização das medidas de força não somente se criou nos estabelecimentos fabris, solidificou-se e nutriu-se também da vida cotidiana nos bairros. O operário que participava de atividades coletivas na fábrica, e em alguns casos podia chegar a converter-se em ativista, arrastava os saberes ali adquiridos a seus lugares de residência. A sociabilidade elaborada cotidianamente na oficina – e que tomava

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada a Cabezón por Alejandro Schneider en Campana el 9 de julio de 2008. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

<sup>21</sup> RULE, John. *Clase obrera e industrialización*. Historia social de la revolución industrial británica, 1750-1850. Barcelona, Crítica, 1990

forma nos sindicatos – era recriada no bairro. Isto aconteceu não somente nas áreas que contavam com filiais dos grêmios nacionais ou nos sindicatos de fábrica, mas também nas sociedades de fomento e nas associações de moradores. Os tipos de moradia, os lugares onde se instalaram, a complexa relação com os estabelecimentos fabris, refletiram, e foram fruto, do regime de exploração nascido no âmbito laboral. As relações de força entre as classes tiveram sua expressão fora do lugar de trabalho; deste modo, entre os dois ambientes existiu uma continuidade e reforço da identidade de classe.

Os trabalhadores participaram com um alto grau de organização e compromisso em todas estas atividades. Um possível motivo para isso talvez se encontre na valorização dada ao âmbito da residência como um território que se devia defender das agressões externas a sua classe. Em consequência, como produto de que esse espaço fosse considerado parte integrante de seus pertencimentos, com o que se sentiam identificados, o esforço coletivo tendia a ser mais eficaz.

Nas práticas desenvolvidas por fora das unidades de produção, se encontrava um dos elementos centrais que explica a relação entre operários e vizinhos em conflitos. A atividade operária envolvia a família, o bairro e uma extensa rede social que compartilhava uma experiência comum, como classe trabalhadora, em contraposição aos interesses e objetivos dos empresários e do Estado. Deste modo esta “consciência prática”, nas palavras de Raymond Williams<sup>22</sup>, era mais importante que as lealdades políticas ou os valores alheios a sua classe. Isto não nega nem ignora a presença e o impacto que tiveram aquelas ideologias próprias da classe dominante neste processo; no entanto, denota uma identidade transversal à classe, para além do que não se cristalizava em estruturas políticas autônomas.

O agrupamento, as atividades realizadas em comum, a homogeneidade nascida com a experiência laboral, reproduzidos tanto nas unidades de produção como nos âmbitos de residência, e as lutas desenvolvidas contra o capital, foram fatores essenciais para criar e reelaborar uma consciência operária. Os grêmios e as associações intermediárias nos bairros se converteram nas instituições formais contendoras dessa identidade e dessa prática operária. Paralelamente a elas houve outros mecanismos informais que contribuíram com esse processo:

Nós resistíamos todos os dias. (eu) Não aceitava a situação, a humilhação cotidiana da fuziladora, era preciso resistir, era preciso fazer alguma coisa, o que quer que fosse... o pior já havia passado... Nos juntávamos na sociedade de fomento, nos bares, em Virreyes, aquilo era uma panela de pressão...<sup>23</sup>

Por fora das sociedades de fomento e dos sindicatos, a classe trabalhadora manteve uma rica prática social em outros âmbitos espaciais, como os bares e sinucas próximos às fábricas. No geral, estes funcionavam como um lugar de encontro, de descanso e, às vezes, de discussão dos problemas laborais. Isso era mais frequente

---

<sup>22</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y literatura*. Badalona, Ediciones Península, 1980, p.153.

<sup>23</sup> Entrevista realizada a Pedro por Alejandro Schneider en Victoria el 28 de enero de 1998. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

quando estas não podiam levar-se a cabo nos estabelecimentos fabris nem nas sedes gremiais.

Isto demonstra o interesse em recriar com outros trabalhadores a cultura, os valores, as ideias e certas normas em todos os âmbitos onde era possível. Desse modo, se foi reforçando a identidade, a coesão social e a consciência como classe em oposição a outras. Os laços horizontais que se estabeleciam tanto nas unidades de produção como nos bairros tendiam a sustentar a solidariedade e a organização no seio da classe trabalhadora. Lalo nos lembra que estas ações se faziam em diferentes momentos do ano:

- E como se organizam no bairro? Como foi a Resistência?
- A resistência no bairro... eu só sei que... tínhamos perdido o medo, mesmo sabendo que a qualquer momento éramos *aka*<sup>24</sup>. Porque mandaram um decreto e à merda. Nós cantávamos a marcha. No dia de Natal, no Ano Novo, primeiro de Maio, 17 de outubro... Alguém pegava um disco e se escutava a música pela janela... se escutava a dez quadras..."<sup>25</sup>

Ao ser parte integrante dessa cultura, o processo de agrupamento se realizou sem regras estritas por meio de comunicações não verbais. Como observa Wally Secombe (1995), a experiência comum de viver no mesmo bairro contribuiu tanto para a geração de uma identidade da própria classe trabalhadora como para atenuar as diferenças engendradas pela afiliação a distintos grêmios e as hierarquias ocupacionais.

Nos bairros, as relações primárias escapavam dos limites impostos pela típica família nuclear. Os vínculos se expandiam a grupos próximos (compadrios, tios emprestados) pertencentes ao âmbito laboral e ao residencial. Isto se consolidava diariamente, de maneira imperceptível. A própria rua, "ficar na rua" no verão, "conversar enquanto se regavam as ruas de terra", como espaço cotidiano de sociabilização, implicava um lugar de encontro<sup>26</sup>. Em certas ocasiões, esses vínculos se manifestavam cobrando identidade coletiva ou própria; por exemplo, nas festas, se expressavam por meio de entidades como algumas associações de moradores que organizavam um Natal na vizinhança ou um bloco. A título de ilustração, várias comunidades de *San Isidro* e de *San Fernando* competiam, no carnaval, em desfiles nas avenidas do centro desses distritos, participando com elementos caseiros e uma rústica ornamentação.

Essas atividades comunais de lazer reforçaram as redes de relações e o entramado social. Se estabeleceu um sistema não-verbal de comunicação que de maneira permanente estruturou uma forma de comportamento aceito na classe, internalizado por seus membros, aceitando os vínculos entre indivíduos, famílias, grupos de amigos, associações voluntárias.

---

<sup>24</sup> El término *aka*, en idioma quechua, significa excremento.

<sup>25</sup> Entrevista realizada a Lalo por Alejandro Schneider en San Isidro el 10 de noviembre de 1998. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

<sup>26</sup> Entrevista realizada a Raquel por Alejandro Schneider en San Isidro el 6 de marzo de 1990. Archivo del Programa de Historia Oral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

Por outro lado, seria um erro considerar que esta era a única ética existente no seio da classe operária. Junto com ela, conviviam algumas aspirações individualistas, como o desejo de uma oficina própria ou a ansiedade de conseguir uma melhor posição social, entre outras. A existência de formas de vida alternativas, próprias de uma sociedade estruturada em classes antagônicas, fizeram com que muitas vezes entrassem em conflito. No entanto, sem anular ou ameaçar a existência dos atributos e características antes mencionados<sup>27</sup>

### **Reflexões Finais**

Em síntese, não é uma tarefa simples realizar uma análise a respeito das características sociais e culturais apresentadas pela classe operária durante aqueles anos. Neste artigo se esboçaram alguns traços que descrevem e explicam o comportamento gremial, cultural e político dos trabalhadores, pondo o foco na consciência que nasce nos lugares de produção e se transfere tanto para as entidades sindicais quanto para os âmbitos de residência. Entre outros atributos, primeiro se observa que a cultura operária se identifica por possuir uma imprecisa consciência anti-empresarial que não chega a ser suficiente para impugnar totalmente o capitalismo ainda que, em determinados momentos da dinâmica de suas lutas, pode ter um posicionamento anticapitalista. Em segundo lugar, denota uma decidida defesa do âmbito laboral e de suas ferramentas de trabalho. Além disso, em geral, os trabalhadores aceitam seu pertencimento à classe e se identificam como integrantes da mesma independentemente de se encontrarem nos horários de trabalho ou retirados aos espaços de vivenda. Em quarto lugar, sem esgotar outras particularidades, se manifesta um alto nível de atividade gremial que, em algumas circunstâncias, gerou certa preocupação a distintos setores da classe dominante. Em todo caso, uma das hipóteses que se sugere é que a impugnação realizada pelos trabalhadores não se pode considerar plenamente se não se sublinham estes aspectos culturais; em grande medida, sua efetividade esteve em correspondência com sua consciência.

O emprego da História Oral nos permitiu esta reconstrução coletiva do que fazer cotidiano. A voz e as expressões das pessoas entrevistadas transmitem um conjunto de saberes e práticas que facilitam uma maior compreensão de suas condições materiais de vida. Os testemunhos reconstroem uma história com forte conteúdo baseado na experiência; expressando sentires e vivências com saberes geracionais, identitários e de classe. Isto nos possibilita uma valiosa aproximação a um estudo do que se encontra vivo e inconcluso, próprio de uma perspectiva que resgata a história do tempo presente.

Artigo recebido em 3.6.2019

Aprovado em 18.7.2019

---

<sup>27</sup> FINK, Leon. *In search or the working class: essays in american labor history and political culture*. Chicago: University of Illinois Press, 1994.